

# ENCONTROS COM JOÃO 1c

## De João Batista a Jesus (1,19-51)

### PERCURSO NARRATIVO

- ◆ Depois do Prólogo, o evangelista João **segue a tradição dos evangelhos sinóticos** (Mt 3,1-17; Mc 1,2-11; Lc 3,1-22), de iniciar a apresentação da ação pública de Jesus com pregação de João Batista, embora este já tenha sido apresentado no Prólogo (1,6-8.15).
  - deve ter utilizado sobretudo o texto de Marcos, mas faz uma narração bem sua, a partir dos dados recebidos da tradição. Não contém os apelos à conversão e à mudança de atitudes, que se encontram em Mateus e Lucas e não narra propriamente o batismo de Jesus, embora se refira a ele de forma muito determinante para o seu projeto catequético.
  - Mas coloca particularmente em evidência o papel de João Batista como apresentador de Jesus e como Aquele que batiza no Espírito Santo.
- ◆ O texto está **claramente composto por duas partes**, com personagens e temáticas distintas.
  - Na primeira parte (1,19-34), entra em cena João Batista que dá testemunho de Jesus, de forma indireta, para um grupo de dirigentes chegados de Jerusalém. Jesus só atravessa o palco narrativo, sem ter nenhuma ação: *“No dia seguinte, vendo Jesus, que se dirigia para ele, exclamou”* (1,29).
  - Na segunda parte (1,35-51), João vai desaparecendo de cena, proferindo apenas uma frase de apresentação de Jesus – *“Eis o Cordeiro de Deus”* (1,35) – dirigida a dois dos seus discípulos. Estes deixam João e seguem Jesus que, a partir de agora, passa a ser o personagem central do evangelho.
- ◆ Para além desta divisão bipartida, o texto evidencia também uma evolução do **tempo, organizado numa semana**, que tem início com o testemunho de João acerca de Jesus e conflui para a narração das bodas em Caná da Galileia (2,1ss).

Dia 1 (1,19-28) João e os emissários de Jerusalém

*Este foi o testemunho de João... Não sou o Messias... Sou “a voz”*

Dia 2 (1,29-34) Jesus, O Cordeiro de Deus

*No dia seguinte, ao ver Jesus, que se dirigia para ele, [João] exclamou: Eis o Cordeiro de Deus... (1,29); Aquele que batiza no Espírito Santo (1,33)*

Dia 3 (1,35-42) O dia dos primeiros discípulos:

*No dia seguinte, João encontrava-se de novo ali com dois dos seus discípulos (1,35). Foram, pois, e viram onde morava e ficaram com Ele nesse dia (1,39).*

Dia 4 (1,43-51) O dia de Filipe e Natanael:

*No dia seguinte, Jesus resolveu sair para a Galileia e encontrou Filipe (1,43).*

Dia 6 (2,1-11) A revelação do noivo e promessa da “Hora”:

*Ao terceiro dia, celebrava-se uma boda em Caná da Galileia (2,1*

- Esta primeira **semana termina no sexto dia** que, no relato do livro do Génesis, é o dia da criação do homem, enquanto o sábado é o dia do descanso e da comunhão do homem

com Deus. Neste primeiro sexto dia, Jesus faz-se presente na festa de núpcias (símbolo do amor que Deus dedica ao seu povo) e anuncia a “hora”, em que se revelará a totalidade do amor na entrega da vida: *“Ainda não chegou a minha hora”* (2,4).

- **No fim do evangelho, haverá uma outra semana**, plena de significado, que forma uma inclusão de sentido com esta, entre 12,1, em que se diz explicitamente que *“faltavam 6 dias para a Páscoa”* e 19,42, em que culmina a “hora” de Jesus, entregando a vida nas mãos do Pai e fazendo brotar do seu peito o sangue e a água, testemunho do amor e dom do Espírito que gera nova Vida na humanidade.

### 1,19-34 Testemunho de João Baptista (Mt 3,1-17; Mc 1,2-11; Lc 3,1-22)

#### TEXTO

**19** Este foi o testemunho de João, quando as autoridades judaicas lhe enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para lhe perguntarem: «Tu quem és?» **20** Ele confessou e não negou; e declarou: «Eu não sou o Cristo.» **21** Eles perguntaram-lhe: «Quem és, então? És Elias?» Ele disse: «Não sou.» «És o profeta?» Respondeu: «Não.» **22** Disseram-lhe, então: «Quem és tu, para podermos dar uma resposta aos que nos enviaram? Que dizes de ti mesmo?» **23** Ele declarou: «Eu sou a voz do que grita no deserto: ‘Endireitai o caminho do Senhor’, como disse o profeta Isaías.»

**24** Ora, os enviados eram dos fariseus, [*entre os enviados havia fariseus*] e perguntaram-lhe: **25** «Então por que batizas, se não és o Cristo, nem Elias, nem o Profeta?» **26** João respondeu-lhes: «Eu batizo em água, mas no meio de vós está aquele que vós não conheceis, **27** que vem depois de mim e ao qual eu nem sou digno de desatar o cordel da sandália.» **28** Isto passou-se em Betânia, além do Jordão, onde João estava a batizar.

**29** No dia seguinte, vendo Jesus, que se dirigia para ele, exclamou: «Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo **30** É aquele de quem eu disse: depois de mim vem um homem que me passou à frente, porque existia antes de mim. **31** Eu não o conhecia; mas foi para Ele se manifestar a Israel que eu vim batizar em água.» **32** E João testemunhou: «Vi o Espírito descer do céu como uma pomba e permanecer sobre Ele. **33** E eu não o conhecia, mas aquele que me enviou a batizar em água é que me disse: ‘Aquele sobre quem vires descer o Espírito e permanecer sobre Ele, esse é o que batiza no Espírito Santo’. **34** Pois bem: eu vi e dou testemunho de que este é o Filho de Deus.»

#### COMENTÁRIO

#### PRIMEIRO DIA

- ◆ **19** Este foi o testemunho de João, quando as autoridades judaicas lhe enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para lhe perguntarem: «Tu quem és?» **20** Ele confessou e não negou; e declarou: «Eu não sou o Cristo.» **21** Eles perguntaram-lhe: «Quem és, então? És Elias?» Ele disse: «Não sou.» «És o profeta?» Respondeu: «Não.»
- João Batista já tinha estado em evidência no Prólogo, à luz do projeto de Deus para a humanidade. Nesse âmbito, tem um **papel fundamental como apresentador de Jesus** a Israel. Agora, o evangelho apresenta-o realmente nesse papel.
- O quarto evangelho **deixa de parte alguns traços dos sinóticos**, que caracterizam o precursor como profeta, no seu modo de vestir e no caráter moral da sua pregação.

Também não insiste sobre outro traço importante que é a realização das promessas feitas a Israel, pois Jesus ultrapassará essas promessas. João mostra-o sobretudo como aquele que dá testemunho de Jesus como o Filho de Deus e dador do Espírito.

- Os **interlocutores de João Batista** – sacerdotes e levitas enviados pelas autoridades judaicas – são também indicados para este perfil do precursor: Nestes primeiros três versículos, ele esclarece a sua identidade à luz dos traços da esperança judaica. E, para todas as questões, a resposta é negativa.
  - À primeira pergunta aberta, João **adianta-se com um não à questão não colocada** expressamente: *“Eu não sou o Cristo”*. É evidente que o significado de *“Cristo”* é mesmo *“Messias”*, “o ungido”, esperado por Israel, como se encontra nesse evangelho, em 1,41 – *“Encontrámos o Messias, que quer dizer Cristo”* e em 4,25: *“Sei que vai chegar o Messias, chamado Cristo”*. Este uso do título Cristo neste contexto significa que o evangelista se encontra já numa época em que *“Cristo”* se tornara uma forma habitual de se referir a Jesus.
  - Para as autoridades judaicas o evangelho afirma que **João não é o Messias esperado de Israel**, deixando implicitamente esse lugar para Jesus, o Verbo encarnado. Mas afirma-o também para a sua comunidade. De facto, em Éfeso havia, quando Paulo lá chegou, uma comunidade de discípulos de João Batista, que não conheciam o batismo de Jesus (cf. At 19,1-7). Adiante, o próprio João Batista dará uma resposta mais explícita a esta questão (cf. 1,29s).
  - **Rejeitada é igualmente a possível identificação com Elias**: *“És Elias?”* *Ele disse: «Não sou.»* Segundo a tradição, o profeta Elias deveria vir colocar tudo em ordem antes do Messias chegar (cf. Mt 3,23s). Na realidade, Jesus terá bem de sofrer e não encontrará o caminho bem preparado.
  - Finalmente João **exclui também a identificação com “o profeta”**, prometido por Deus a Moisés, que é uma outra figura ligada à esperança messiânica: *“Suscitar-lhes-ei um profeta como tu, dentre os seus irmãos; porei as minhas palavras na sua boca e ele lhes dirá tudo o que Eu lhe ordenar”* (Dt 18,18).
  - Deste modo, a figura de João Batista fica colocada **ao serviço da revelação de Jesus**, mas sem depender nem copiar as concepções judaicas sobre o Messias. A partir das negações de João Batista, a identidade de Jesus e a sua autoridade, sem rejeitar as promessas do passado, têm um outro fundamento.
- ◆ **22** *Disseram-lhe, então: «Quem és tu, para podermos dar uma resposta aos que nos enviaram? Que dizes de ti mesmo?»* **23** *Ele declarou: «Eu sou a voz do que grita no deserto: Endireitai o caminho do Senhor, como disse o profeta Isaías.»*
- Perante a insistência dos interlocutores, João dá uma **primeira resposta positiva**, citando o profeta Isaías: *“Eu sou a voz do que grita no deserto: Endireitai o caminho do Senhor”*. A citação é do livro da consolação do profeta Isaías do Exílio, que anuncia ao povo um novo êxodo (Is 40 3-5).
  - Antes de mais, **João Batista define-se como “a voz”**. De certo modo a palavra de anúncio do novo êxodo tomou conta do seu ser, e a sua função é apresentar aquele liderará esse caminho de libertação. João e a sua missão são essa voz que anuncia e motiva os ouvintes para participarem no novo êxodo.

♦ **24** Ora, os enviados eram dos fariseus, [entre os enviados havia fariseus] e perguntaram-lhe: **25** Então por que batizas, se não és o Cristo, nem Elias, nem o Profeta? **26** João respondeu-lhes: «Eu batizo em água, mas no meio de vós está aquele que vós não conheceis, **27** que vem depois de mim e ao qual eu nem sou digno de desatar o cordel da sandália.» **28** Isto passou-se em Betânia, além do Jordão, onde João estava a batizar.

- O texto tem uma gramática difícil e pode ter **duas traduções**. A primeira é mais literal, mas a segunda é também possível. De qualquer forma, o sentido não muda.
- Sendo os *fariseus* os grandes intérpretes da Lei e da legalidade, já no tempo de Jesus e muito mais no tempo da redação do evangelho, a pergunta pela **legitimidade do agir de João** tem todo o sentido, até porque os fariseus não foram favoráveis a João Batista.
- O *batismo* era um **rito que se fazia no judaísmo do tempo e noutros contextos** culturais, para exprimir uma mudança radical de vida. Usava-se este banho ritual, nomeadamente para marcar a passagem de um escravo à situação de pessoa livre e também para integrar um não judeu na comunidade, como “prosélito” ou “temente a Deus”, embora sem poder tornar-se verdadeiramente judeu.
- O batismo de João Batista tem esse **sentido de renovação, de mudança de estado, de adesão** a um novo modo de ser. Por isso, os fariseus estavam realmente preocupados. Com este gesto, João exprimia a pertença a uma comunidade nova. Ora, se ele nega ser o Messias, Elias ou o Profeta, com que legitimidade realiza estes ritos?
- A **resposta de João não é direta e passa através da figura de Jesus**, que já está “no meio de vós”. João nem se considera ao seu serviço para “desatar os cordéis das sandálias”. O que ele pode fazer é, de certo modo, provocar e fazer tomar consciência da sede. Mas a saciar essa sede, já não será ele, mas aquele que está para vir. A pergunta importante, diz João, não reside na importância ou legitimidade do rito do batismo, mas naquele que batiza e que já está por aí.
- Assim se conclui o “*primeiro dia*” do **testemunho de João**, “em Betânia, além Jordão”. E termina com a expectativa da chegada daquele que estava para vir, pois essa era a missão de João Batista a vós que anuncia e convoca. Mas a pergunta não ficou respondida, para os enviados das autoridades, que não conhecem aquele que está para chegar. Fica, porém, a expectativa para os leitores, que o desejam conhecer.

## SEGUNDO DIA

♦ **29** No dia seguinte, vendo Jesus que se dirigia para ele, exclamou: «Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo. **30** É aquele de quem eu disse: depois de mim vem um homem que me passou à frente, porque existia antes de mim. **31** Eu não o conhecia; mas foi para Ele se manifestar a Israel que eu vim batizar em água.»

- “No dia seguinte” (o segundo dia), já não há sinal dos enviados vindos de Jerusalém. **Menciona-se apenas João Batista e Jesus**, mas a proclamação de João faz pressupor que estavam presentes os discípulos.
- A pergunta do dia anterior começa a conhecer uma resposta. Jesus entra em cena, vem em direção a João, mas sem dizer palavra. João, porém, “*vendo Jesus que se dirigia para ele, exclamou*”. O “**ver**” de João não é apenas uma percepção ótica, mas uma compreensão profética, que se traduz em palavra. É um ver interior que identifica Jesus, mas também dá sentido à missão do seu precursor.

- **O encontro tem um caráter revelacional para João e dá significado à sua missão**, pois ele *“não o conhecia”*. Nesta expressão de João, por assim dizer, falam a Lei e os profetas. O último dos profetas soube identificar o enviado de Deus, mesmo antes de o ter encontrado: *“É aquele de quem eu disse: depois de mim vem um homem que me passou à frente, porque existia antes de mim”* (1,15.30). Como último dos profetas, A voz de João dá agora positivamente o testemunho sobre Jesus.
  - É uma dessas palavras proféticas que João utiliza como primeira identificação do Verbo feito carne: **“Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”**. Este texto, refere-se provavelmente ao último cântico do Servo do Senhor, no profeta Isaías: *“5 foi ferido por causa dos nossos crimes, esmagado por causa das nossas iniquidades 6 ... fomos curados pelas suas feridas... 7 Foi maltratado, mas humilhou-se e não abriu a boca, como um cordeiro que foi levado ao matadouro, como ovelha emudecida nas mãos do tosquiador”*.
  - João Batista não apresenta o enviado de Deus segundo a esperança mais comum de Israel de um Messias poderoso e invencível, mas **nas vestes do Servo do Senhor** que realiza a salvação da multidão, assumindo a sua fragilidade e as suas dores.
  - Por outro lado, outra referência importante nesta primeira apresentação de Jesus é a do **cordeiro pascal, cujo sangue identifica e livra da morte** os primogênitos de Israel no Egito, na noite da libertação (cf. Ex 12,1-11). O anúncio vai realizar-se, mas será de um modo novo e inesperado.
- ◆ **32 E João testemunhou: «Vi o Espírito descer do céu como uma pomba e permanecer sobre Ele. 33 E eu não o conhecia, mas aquele que me enviou a batizar em água é que me disse: Aquele sobre quem vires descer o Espírito e permanecer sobre Ele, esse é o que batiza no Espírito Santo. 34 Eu vi e dou testemunho de que este é o Filho de Deus.»**
- João completa o seu testemunho de Jesus de uma forma solene, já **não com recurso direto à Escritura, mas segundo o seu próprio “ver”**, a sua própria experiência de fé. O seu testemunho refere-se ao batismo de Jesus, não para descrever, como nos sinóticos, mas para colher o seu significado fundamental.
  - **O Espírito é uma referência à criação**, onde se fala do espírito (vento) de Deus que *“se movia sobre a superfície das águas”* primordiais (Gn 1,2). O *“descer e permanecer”* exprime a ideia de continuidade e apropriação do Espírito em Jesus. A conjugação dos símbolos apresenta Jesus como Homem Novo, na força do Espírito de Deus.
  - João não conhecia Jesus. **O encontro é uma revelação**, antes de mais para Ele. Ele estava formado na Escritura e, na sua vocação e missão foi sendo preparado para a novidade de que sentia falta e sabia estar próxima. Mas o encontro, o “ver” superou tudo o que ele sabia e esperava.
  - É que Ele é, como João reconheceu e anunciara, *“Aquele que batiza no Espírito Santo”*. Esse **Espírito será o grande dom para a humanidade no alto da cruz**, quando, assumindo a fragilidade e o pecado do mundo, Jesus derramará, da sua trespassada pela lança, sangue e água, para que nasça uma nova humanidade.
  - E o testemunho conclui, como o Prólogo, com a **proclamação do título maior de Jesus**, o Verbo encarnado: *“Eu vi e dou testemunho de que este é o Filho de Deus.”* Também esta condição de Filho de Deus não ficará exclusiva de Jesus, mas será oferecida como dom gratuito àqueles que acolhem o Verbo encarnado, com afirma o Prólogo (1,12).

**1,35-51 Primeiros discípulos (Mt 4,18-22; Mc 1,16-20; 3,13-19; Lc 5,1-11; 6,12-16; At 1,13)**

**TEXTO**

**35** No dia seguinte, João encontrava-se de novo ali com dois dos seus discípulos. **36** Fixando o olhar em Jesus que passava, disse: «Eis o Cordeiro de Deus!» **37** Ouvindo-o falar assim, os dois discípulos seguiram Jesus. **38** Jesus, voltando-se e vendo que eles o seguiam, perguntou-lhes: «Que procurais?» Eles disseram-lhe: «Rabi – que quer dizer Mestre – onde moras?» **39** Ele respondeu-lhes: «Vinde e vereis.» Foram, pois, viram onde morava e ficaram com Ele nesse dia. Era cerca da hora décima.

**40** André, o irmão de Simão Pedro, era um dos dois que ouviram João e seguiram Jesus. **41** Foi primeiro ao encontro do seu próprio irmão Simão, e disse-lhe: «Encontrámos o Messias!», que quer dizer Cristo. **42** E levou-o a Jesus. Fixando nele o olhar, Jesus disse-lhe: «Tu és Simão, o filho de João. Hás de chamar-te Cefas», que significa Pedra.

**43** No dia seguinte, Jesus decidiu partir para a Galileia. Encontrou Filipe, e disse-lhe: «Segue-me!» **44** Filipe era de Betsaida, a cidade de André e de Pedro. **45** Filipe foi ao encontro de Natanael e disse-lhe: «Encontrámos aquele sobre quem escreveram, na Lei, Moisés e os Profetas: é Jesus, filho de José, de Nazaré.» **46** Disse-lhe Natanael: «De Nazaré pode vir alguma coisa boa?» Filipe respondeu-lhe: «Vem e vê!» **47** Jesus viu Natanael, que vinha ao seu encontro e disse dele: «Aí vem um verdadeiro israelita, em quem não há fingimento». **48** Disse-lhe Natanael: «Donde me conheces?» Respondeu-lhe Jesus: «Antes de Filipe te chamar, quando estavas debaixo da figueira, Eu vi-te.» **49** Disse Natanael: «Rabi, Tu és o Filho de Deus! Tu és o Rei de Israel!» **50** Respondeu-lhe Jesus: «Tu acreditas por Eu te ter dito que te vi debaixo da figueira? Hás de ver coisas bem maiores do que estas!» **51** E acrescentou: «Em verdade, em verdade vos digo: vereis o Céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo pelo Filho do Homem.»

**COMENTÁRIO**

**TERCEIRO DIA**

- ◆ **35** No dia seguinte, João encontrava-se de novo ali com dois dos seus discípulos. **36** Fixando o olhar em Jesus que passava, disse: «Eis o Cordeiro de Deus!»
  - “No dia seguinte” (terceiro dia), embora se diga que João se encontrava ainda no mesmo lugar, **as personagens mudam e vão evoluindo para novos espaços**. Inicialmente aparece João Batista com dois discípulos. Quando João “vê” Jesus passar, dirige aos seus discípulos o mesmo testemunho que dera de forma geral no dia anterior: “Eis o Cordeiro de Deus”.
- ◆ **37** Ouvindo-o falar assim, os dois discípulos seguiram Jesus.
  - A proclamação de João não era simplesmente uma informação ou uma lição. Soou como uma **indicação de atitude e de ação para os discípulos**. Como tinha acontecido na véspera com o próprio João, o encontro dos discípulos com Jesus, constitui uma revelação de sentido e de mudança e rumo. Deixaram João Batista e seguiram Jesus.
  - A partir daqui, **João Batista deixa de ocupar o centro da cena e deixa o lugar a Jesus**. A passagem dos discípulos para Jesus é parte integrante da sua missão de indicar o Verbo de Deus. É parte do despojamento dos “*não sou*” de 1,20-21, como ele próprio exprimirá

mais adiante (cf. 3,22-30). João serviu de indicador para a decisão dos discípulos, mas, agora, o diálogo é diretamente entre estes e Jesus.

- Todos **os autênticos mestres da vida e da fé**, a começar pelos pais, têm de ter a sabedoria e a honestidade de assumir a atitude de João Batista, de saber indicar, orientar, sem se tornarem donos da vida e do caminho de ninguém. Esta atitude de João Batista, continua no encontro dos discípulos com Jesus, na cena seguinte.
- ♦ **38** *Jesus, voltando-se e vendo que eles o seguiam, perguntou-lhes: «Que procurais?» Eles disseram-lhe: «Rabi – que quer dizer Mestre – onde moras?»* **39** *Ele respondeu-lhes: «Vinde e vereis.» Foram, pois, viram onde morava e ficaram com Ele nesse dia. Era cerca da hora décima.*
- A indicação de João Batista dá origem a um **diálogo breve e simples, mas altamente significativo** para o evangelista e para a sua comunidade. É o ABC do acesso ao Evangelho, o caminho do discípulo e do encontro transformador com Jesus, o verbo de Deus encarnado.
  - O diálogo-encontro começa por um seguir, iniciado por indicação de João Batista, mas depressa se torna numa questão completamente pessoal. A pergunta inicial de Jesus conduz a essa tomada de consciência: **“Que procurais?”**. Isto é, qual é o motivo do vosso caminhar, da vossa curiosidade; qual é o vosso sonho, a vossa sede?
  - A resposta dos dois entende-se também como uma pergunta, mas igualmente já como que um pedido de ser convidado: **“Rabi, Mestre, onde moras?”**. Antes de mais, eles chamam Jesus de **“Rabi/Mestre”**, colocando-se na atitude de discípulos, ou pedindo para serem aceites como tal. Esse era o objetivo de João, quando lhes indicou Jesus como o cordeiro de Deus, orientando, assim a sede e o sonho deles. Não têm ainda uma resposta certa sobre o que procuram, mas desejam um Mestre que dê sentido e caminho a essa busca. Para o evangelista, quem se aproxima de Jesus não pode levar já o programa feito. Tem, antes de mais encontrar a humanidade do Verbo encarnado. Este é o ponto de partida certo.
  - A segunda parte da resposta/pedido mostra esse fascínio da pessoa de Jesus e a disponibilidade despojada de aprender como um “viver com”: **“onde moras?”** (literalmente: “onde permaneces?”; “quem és?”).
  - Evidentemente não se trata simplesmente do endereço postal ou eletrónico, mas da **questão sobre a identidade, o ser de Jesus**. A pergunta/pedido parte do fascínio e do desejo de ir mais longe numa relação mais séria (como num namoro). Ecoa como o interesse de Moisés perante a sarça ardente: **“Deixa-me aproximar-me para ver”** (Ex 3,3), ou diretamente diante de Deus: **“Mostra-me a tua glória!”** (Ex 33,18).
  - A contrarresposta de Jesus também não é uma resposta direta à pergunta, mas um **assentimento ao pedido, para um encontro que fica aberto a um futuro** ainda a construir através da relação: **“Vinde e vereis!”**. Há um convite presente e concreto, **“vinde”**, e um futuro que fica para definir: **“vereis”**. Esse “ver” não é definitivamente uma questão de oftalmologia humana, mas de entendimento muito mais profundo e significativo para a vida. É a esse ver que o evangelista João nos vem já habituando. A linguagem e o percurso da fé – como a do verdadeiro amor – não pode ficar simplesmente na exterioridade da relação, mas há de envolver a vida inteira, presente e futura, em todas as suas dimensões.

- **Assim começa o percurso de discipulado destes dois primeiros discípulos:** *“Foram, pois, viram onde morava e ficaram com Ele nesse dia”*. Este é o encontro que João apresenta como protótipo de discipulado para a sua comunidade em relação a Jesus: procurar, pedir para ser convidado, ver, permanecer.
- ◆ **40 André, o irmão de Simão Pedro, era um dos dois que ouviram João e seguiram Jesus. 41 Foi primeiro ao encontro do seu próprio irmão Simão, e disse-lhe: «Encontrámos o Messias!», que quer dizer Cristo. 42 E levou-o a Jesus. Fixando nele o olhar, Jesus disse-lhe: «Tu és Simão, o filho de João. Hás de chamar-te Cefas», que significa Pedra.**
  - **O encontro com Jesus não se encerra em si mesmo**, mas tem outro desenvolvimento igualmente importante para o exterior, para outras relações. André era um desses dois primeiros discípulos. A tradição vê no outro o “discípulo amado/preferido” – cf. 18,15-18; 19,35; 20,3-8; 20,30-31). André tinha um irmão e começou por partilhar com ele o seu encontro: *“Foi primeiro ao encontro do seu próprio irmão Simão, e disse-lhe: «Encontrámos o Messias!”*. Também este é um paradigma intrínseco do processo de fé, que vem já de João Batista e do seu “testemunhar” e “confessar”.
  - **Jesus acolhe-o e dá-lhe um apelido** (como será conhecido): *“serás chamado Cefas – Pedra”*. O novo nome não muda a natureza de Pedro, mas caracteriza-o entre os discípulos, no seu ser duro como a pedra, e nem sempre no bom sentido, mas igualmente constante e seguro na comunidade.
  - **O encontro inicial com Jesus gera outros encontros e torna-se anúncio:** Torna-se um “encontrar” ou “ir ao encontro” e um comunicar o resultado do “ver” do primeiro encontro: *“Encontrámos”* e um movimento de acompanhamento até ao encontro fundamental – *“e levou-o a Jesus”* – que transforma o percurso existencial.
  - **Este terceiro dia traça o percurso da fé e da missão** da comunidade de João. Começa com a palavra viva de Deus no passado (João Batista, “a voz”) que indica o centro da fé na pessoa de Jesus; leva a um processo de tomada de consciência de si mesmo, da própria sede e do seu sonho; num encontro que transforma a visão da vida e do futuro e se traduz num testemunhar e anunciar a própria experiência numa rede que se alarga sempre mais para fora. É deste processo que nasce, se alimenta e cresce a comunidade de Jesus.

#### QUARTO DIA

- ◆ **43 No dia seguinte, Jesus decidiu partir para a Galileia. Encontrou Filipe, e disse-lhe: «Segue-me!».** **44 Filipe era de Betsaida, a cidade de André e de Pedro.**
  - **O quarto dia mostra a força contagiante e itinerante do encontro com Cristo:** *“Jesus decidiu partir para a Galileia”*. Não se trata de um simples passeio, mas de uma decisão consciente, que tem a ver com a missão de Jesus. Agora, porém, não é apenas Ele que se desloca, mas acompanham-no os discípulos. O “morar, permanecer” não é uma questão geográfica, mas está ligada a pessoa de Jesus que, no evangelho de João, está sempre em movimento, provocando novos encontros.
- ◆ Nesta itinerância Jesus *“encontra/procura”* – o verbo “euriskein” tem os dois significados – Filipe. Na sua comunidade, **Jesus continua a liderar a missão e a chamar**, como tinha feito com os dois primeiros. Estes, vinham do povo eleito (formados na escola de João). Filipe, como o nome grego indica, está ligado ao judaísmo (era conterrâneo dos primeiros



discípulos), mas tem outras ligações, é da itinerância judaica, de língua grega. Faz parte dessa região periférica, a Galileia, onde reinava a uma mistura étnica que não era bem vista em Jerusalém.

- ◆ **45** *Filipe encontrou Natanael e disse-lhe: «Encontrámos aquele sobre quem escreveram, na Lei, Moisés e os Profetas: é Jesus, filho de José, de Nazaré.»* **46** *Disse-lhe Natanael: «De Nazaré pode vir alguma coisa boa?»* Filipe respondeu-lhe: «Vem e vê!».
- ◆ Também neste novo dia, na itinerância da comunidade de Jesus, o processo discipulado continua a ser o mesmo: **o testemunho e a partilha da experiência do encontro com Cristo**, protagonizando novos encontros, como o de Filipe com Natanael. Dois elementos caracterizam o anúncio a Natanael: a tradição de Israel (“*Aquele sobre quem escreveram, na Lei, Moisés e os Profetas*”) e a experiência do encontro pessoal, que se torna também uma experiência da comunidade: “*Encontrámos*”.
- ◆ **47** *Jesus viu Natanael, que vinha ao seu encontro e disse dele: «Aí vem um verdadeiro israelita, em quem não há fingimento».* **48** *Disse-lhe Natanael: «Donde me conheces?»* Respondeu-lhe Jesus: «*Antes de Filipe te chamar, quando estavas debaixo da figueira, Eu vi-te.*» **49** *Disse Natanael: «Rabi, Tu és o Filho de Deus! Tu és o Rei de Israel!»* **50** *Respondeu-lhe Jesus: «Tu acreditas por Eu te ter dito que te vi debaixo da figueira? Hás de ver coisas bem maiores do que estas!»* **51** *E acrescentou: «Em verdade, em verdade vos digo: vereis o Céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo pelo Filho do Homem.»*
- O diálogo entre Jesus e Natanael tem **alguns elementos muito importantes** para o encontro e a comunicação da fé. Antes de mais, quando Natanael vai ao encontro de Jesus, este já o conhece. Vindo de quem vier o convite da fé é sempre de Deus: “*“Dei-te a conhecer aos homens que, do meio do mundo, me deste. Eles eram teus e Tu mos entregaste e têm guardado a tua palavra”* (17,6). No caso de Natanael, o “*verdadeiro israelita, em quem não há fingimento*” e “*quando estavas debaixo da figueira*”, parece ser uma referência a Os 9,10: “*Encontrei Israel como cachos de uvas no deserto, vi os vossos pais como os primeiros frutos da figueira*”. A referência é aos israelitas que ficaram fiéis ao chamamento original de Deus ao seu povo e resistiram à perversão que se seguiu. Estes são os que reconhecem a nova e determinante intervenção de Deus e constituem uma boa parte da comunidade do evangelista. Em Jesus, Deus conhece aqueles que lhe são fiéis e revela-se a eles.
- A reação de Natanael ao sentir-se conhecido por Jesus **assemelha-se à da Samaritana**, em 4,19, mas vai muito mais além, reconhecendo Jesus com uma plena profissão de fé: “*Tu és o Filho de Deus! Tu és o Rei de Israel!*”, com a qual se conclui o chamamento paradigmático dos primeiros discípulos. O discipulado é um “procurar/encontrar” Jesus, mas, na realidade é Ele que conhece e procura o discípulo e o conduz a um novo conhecimento pleno do projeto de Deus revelado em Jesus.
- É isso que Jesus anuncia a Natanael: “*Hás de ver coisas bem maiores do que estas! Em verdade, em verdade vos digo: vereis o Céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo pelo Filho do Homem*”. **A fé/encontro com Jesus anula a distância entre o mundo de Deus e o mundo cósmico dos homens**. O Verbo, na sua encarnação é esse caminho aberto para a humanidade.

**O CAMINHO DE JOÃO E DO LEITOR DO EVANGELHO**

- A palavra de Deus como escola, luz e caminho
- O olhar sobre o mundo e os seus limites e crises
- Um “ver” que é fruto de todo o saber, querer e esperar, guiados pela Palavra
- O encontro decisivo com o Verbo encarnado,
- O acolhimento do Espírito com o fundamento da recriação.
- O testemunho pessoal e da comunidade.
- Sem nunca se colocar no lugar daquele que batiza no Espírito Santo.